O PROCESSO DE REFERENCIAÇÃO NA PRODUÇÃO DO TEXTO ARGUMENTATIVO DE ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Márcia Aparecida Campos Furtado (UERJ)
marciacarvalho.furtado@gmail.com

RESUMO

O presente trabalho é resultado dos estudos empreendidos no segundo semestre de 2014, durante uma disciplina do programa de pós-graduação em letras, doutorado em língua portuguesa, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e tem como objetivo apresentar como alunos do ensino médio desenvolvem o processo de referenciação na produção textual, no intuito de compreender como os textos produzidos na modalidade escrita, em um determinado gênero, contam com a estratégia de referenciação, artifício de construção de objetos discursivos. A referenciação é uma atividade discursiva, considerando-se que as formas de realizá-la são escolhas do sujeito, em interação com outros sujeitos, feitas em função de um querer-dizer, conforme analisam Koch e Elias (2006). O processo de referenciar é concebido como uma atividade de linguagem realizada por sujeitos históricos e sociais em interação, sujeitos que constroem mundos textuais cujos objetos não espelham fielmente o "mundo real", mas são constituídos em meio de práticas sociais. Em vista disso, nosso intuito é investigar a introdução, ativação e reativação de objetos de discurso, ou seja, o processo de referenciação, via categorização e recategorização, por meio do qual os alunos elaboram seus textos. Selecionamos o gênero artigo de opinião, solicitado como produção de texto (situação de avaliação), cujas características se sustentam essencialmente sob uma base argumentativa, em que se visa a convencer ou a persuadir o interlocutor, levando-o à mudança de atitude, à transformação de sua visão de mundo a partir das representações que cada um possui acerca dele. Analisaremos a ocorrência dos seguintes elementos: (1) introdução de objeto totalmente novo (ativação não ancorada) no modelo textual; (2) as anáforas associativas e as anáforas indiretas (ativação ancorada).

Palavras-chave: Produção textual. Atividade discursiva. Referenciação.

1. Introdução

Para tratar do processo de referenciação na produção de textos produzidos por alunos da educação básica, primeiramente, consideramos necessário compreender o momento em que os estudos sobre as ciências cognitivas emergem nos estudos da linguagem, isto é, na chamada "virada cognitiva", por esse motivo, revisitamos a década de 1980, quando a linguística textual, no que denominou a sua terceira fase, construiu seus pilares com base em uma concepção de linguagem como lugar de interação social. O texto, *locus* privilegiado desse campo, é posto como o lugar

de interação entre sujeitos localizados em espaços e tempos. Em termos de produção e compreensão, passa a ser considerado resultado de processos mentais, e inicia-se uma nova orientação para o processamento textual de ordem cognitiva. Trata-se da abordagem procedural em que, segundo Koch (2004), os usuários da língua, que possuem saberes acumulados na memória quanto aos diversos tipos de atividades da vida social, os ativam, por meio de diferentes estratégias, em todas as fases preliminares da construção textual, de acordo com suas vivências e objetivos.

Com o fortalecimento desses estudos, várias áreas das ciências, como a própria linguística passam a investigar a relação entre mente e corpo e concordam de que muitos de nossos processos cognitivos têm por base a percepção e capacidade de atuação no mundo. Essa visão congrega aspectos culturais, sociais e interacionais à compreensão do processamento cognitivo. Com base nesse pressuposto, Koch (2004) afirma que "na base da atividade linguística está a interação e o compartilhar de conhecimentos e de atenção" (p. 31), isto é, ações compartilhadas que envolvem a coordenação de mais de um indivíduo e sempre se desenrolam em contextos sociais, com finalidades sociais e com papeis distribuídos socialmente.

Deste modo, passa-se a reconhecer a relevância do caráter sociointeracional da língua, trazendo-o para o centro das investigações linguísticas de aspectos relativos aos estudos da linguagem, como é o caso da referenciação.

2. O processo de referenciação

A referenciação pode ser considerada uma atividade discursiva, pois as formas de realiza-la são escolhas do sujeito, em interação com outros sujeitos, feitas em função de um querer-dizer, conforme analisam Koch e Elias (2006). O processo de referenciar é concebido como uma atividade de linguagem realizada por sujeitos históricos e sociais em interação, sujeitos que constroem mundos textuais cujos objetos não espelham fielmente o "mundo real", mas são constituídos em meio de práticas sociais. Deste modo, os referentes não são simples rótulos para designar as coisas do mundo, mas são construídos e reconstruídos no interior do próprio discurso, de acordo com nossa percepção do mundo, nossas crenças, atitudes e com o objetivo comunicativo em voga na situação de interação.

O processo de referenciação se relaciona às formas de introdução, no texto, de novas entidades ou referentes. Quando estes apontam para frente, remetem para trás, ou servem de base para novas referências, tem-se a progressão referencial. Koch e Elias (2006) listam algumas das estratégias usadas para a (re)construção dos referentes textuais, que são: 1- Introdução (construção): ocorre quando um "objeto" até então não citado é introduzido no texto, ocupando lugar de destaque; 2- Retomada (manutenção): ocorre quando um "objeto" já presente no texto é reativado por meio de uma forma referencial, mantendo-se em foco o objeto-de-discurso; 3- Desfocalização: ocorre quando um novo "objeto" é incorporado ao texto, fazendo com que o foco se volte para si. Os referentes não são estanques, antes podem ser modificados ou expandidos.

3. A referenciação: construindo objetos de discurso

A questão da referenciação, considerada como atividade discursiva, postula uma visão não-referencial da língua e da linguagem, dada a instabilidade das relações entre as palavras e as coisas. Nesse sentido, a realidade é construída, mantida e alterada não somente pela forma como nomeamos o mundo, mas pela forma como sociocognitivamente interagimos com ele. Deste modo, a referenciação consiste na construção e reconstrução de objetos do discurso, ou seja, objetos designados, representados a partir de conhecimentos socialmente compartilhados e discursivamente (re)construídos. Caracteriza-se, portanto, como um processo em que o sujeito faz escolhas, baseadas em função de um querer-dizer, isto é: "O sujeito, por ocasião da interação verbal, opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição, operando escolhas significativas para representar estados de coisas, com vistas à concretização de sua proposta de sentido". (KOCH, 2004, p. 61)

Autores como Mondada & Dubois (2003) afirmam que essas escolhas são práticas imputáveis à construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do mundo e apontam duas importantes extensões da referenciação, sendo que a primeira diz respeito aos processos de categorização e a outra referente à construção de objetos de discurso.

Essas extensões encontram-se concatenadas, uma vez que o processo de categorização diz respeito a um problema de decisão de dependência que se coloca aos atores sociais, e como eles resolvem, selecio-

nando uma categoria e não outra num contexto determinado. Por conseguinte, a atividade de categorizar o mundo varia segundo as atividades cognitivas dos sujeitos que interagem com elas.

Os autores Koch (2004), Marcuschi (2003) e Mondada & Dubois (2003) são unânimes ao afirmar que não existe um mundo naturalmente categorizado. De acordo com eles, as coisas ditas são coisas construídas discursivamente, e a maioria de nossos referentes são objetos de discurso, construídos num determinado contexto.

Koch afirma que o discurso, ao mesmo tempo que é tributário de sua construção, constrói uma representação que opera como uma memória compartilhada, alimentada pelo próprio discurso. Deste modo, admite-se que os objetos do discurso são dinâmicos: podem ser modificados, desativados ou recategorizados. Nesse sentido, a discursivização ou a textualização retrata uma (re)construção do real e não um simples processo de elaboração de informações. (KOCH, 2005)

4. Estratégias de referenciação

Koch (2004), ao tratar da maneira pela qual o referente pode ser introduzido/ativado no modelo textual, explica que esse processo pode ser de forma não ancorada ou ancorada. A primeira, não ancorada, se dá quando um objeto de discurso totalmente novo é introduzido no texto. Esse modelo passa, então, a ter um novo endereço na memória do interlocutor. Já, a segunda forma, a ancorada, se dá sempre que um novo objeto é introduzido, sob o modo do dado, quando ocorre algum tipo de associação com elementos presentes no cotexto ou no contexto sociocognitivo, passível de ser estabelecida por associação e/ou inferenciação.

Deste modo, nesse processo, consideramos que se enquadram as anáforas indiretas, de modo geral, e as anáforas associativas. As anáforas indiretas porque constroem-se inferencialmente, com base no cotexto, e as anáforas associativas visto que exploram as relações metonímicas e também as relações em que um dos elementos pode ser considerado parte do outro.

Esses elementos, para a autora, exercem diferentes funções cognitivo-discursivas, podendo ocorrer sob a forma de encapsulamentos ou rotulações etc., ou seja, podem introduzir um referente novo no processo discursivo, procedendo a uma sumarização de uma informação precedente ou subsequente. Também são responsáveis pela manutenção em foco,

no modelo de discurso de objetos previamente introduzidos, dando origem às cadeias referenciais ou coesivas.

De acordo com Koch (2005), tanto as formas de referenciação quanto os processos de remissão textual que se realizam por meio delas são escolhas estratégicas do sujeito em função de seu projeto de dizer.

5. Gêneros textuais: focalizando o artigo de opinião

Anteriormente assinalamos que, no processo de referenciação, o sujeito faz escolhas para atender aos propósitos de seu projeto de dizer. Considerando esse processo de escolhas, neste trabalho, analisaremos as escolhas feitas por dois alunos do 3º ano do ensino médio tecnológico da rede federal do Amapá, no processo de escrita de artigo de opinião, gênero textual em que o autor expõe seu posicionamento diante de um tema, visando a convencer ou a persuadir o interlocutor.

Primeiramente, vamos abordar a ideia de gênero textual, conceito inicialmente apontado nos trabalhos de Bakhtin (2003), em que o autor afirma que todas as esferas da atividade humana são relacionadas ao uso que os indivíduos fazem da língua. Para ele, o caráter e os modos dessa utilização são tão variados como as próprias esferas da atividade humana.

O autor pontua que a utilização da língua se efetua em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos que emanam dos integrantes das diferentes esferas da atividade humana e afirma que:

> O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo temático e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas, também, e, sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade, de uma esfera de comunicação. (BAKHTIN, 2003, p. 261-262)

Marcuschi (2008) colabora com a ampliação do conceito de gênero, a que inicialmente Bakhtin chama de gêneros do discurso, expondo que:

> Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Assim, segundo o apontamento do autor, quando dominamos um gênero textual, dominamos uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares, considerando-se que os gêneros são entidades prática em situações comunicativas reais.

Nesse particular, analisaremos um gênero utilizado com objetivos específicos numa situação singular: o artigo de opinião, solicitado como produção de texto (situação de avaliação), cujas características se sustentam essencialmente sob uma base argumentativa, em que se visa a convencer ou a persuadir o interlocutor, levando-o à mudança de atitude, à transformação de sua visão de mundo a partir das representações que cada um possui acerca dele.

Considerando a situação de produção dos textos selecionados para análise, entendemos que fogem aos objetivos específicos do artigo de opinião jornalístico, uma vez que passaram por um processo que arriscamos chamar de didatização. Apresentamos, a seguir, a análise dos textos.

6. *Análise: o processo de referenciação na produção de artigos de opinião*

Nosso trabalho tem como objetivo analisar a maneira pela qual se dá o processo de referenciação nas produções de dois artigos de opinião produzidos por alunos do 3º ano do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFAP, *campus* de Laranjal do Jari, durante o período eleitoral de 2014. Após trabalhar com textos motivadores, a professora lançou aos estudantes a seguinte proposta: Segundo enquete de um jornal do estado do Amapá, o nível das propostas da campanha eleitoral do estado esteve com 16,8% boa e 83,2% como ruim. A que você atribui os resultados obtidos? Escreva entre 20 e 30 linhas.

Nosso intuito é investigar a introdução, ativação e reativação de objetos de discurso, ou seja, o processo de categorização e de recategorização por meio do qual os alunos elaboram seus textos. Para tanto, analisaremos a ocorrência dos seguintes elementos: (1) introdução de objeto totalmente novo (ativação não ancorada) no modelo textual, (2) as anáforas associativas e as anáforas indiretas (ativação ancorada).

Para tal investigação, elaboramos dois quadros, um referente a cada texto, em que apontamos os elementos utilizados pelos alunos no processo de referenciação, na produção do gênero artigo de opinião. Contu-

do, antes, apresentamos os textos analisados, com a ressalva de que foram submetidos à digitação, mas com a preservação da forma como foram escritos pelos alunos. Assim, desvios relacionados à grafia, concordância, pontuação e outros, foram reproduzidos.

6.1. Texto 1

Os programas em sua totalidade são considerados ruins, pelo fato que muito se promete e pouco se faz.

Os candidatos precisam estarem atentos quanto a propostas expostas a população.

Havendo diversas controvérsias a esse respeito, as pessoas se encontram atenta, todas as proposta deve ser analisada, bem a fio.

O fato de ser promessa não significa que será executada, as propagandas políticas se modernizaram, e com sigo a decisão ou seja nem tudo que sé de fato falado se entende.

Entender o que se fala tem sido bem mais complicado, e assim todos nós tornamos presa fácil de governantes mal intencionados que por fim nunca cumpre o que promete.

Em resumo basta de tanta hipocrisia ou é ou não é. Precisamos de solução, não é hora de perder tempo.

Temos o poder de decisão com sabedoria e inteligência conseguiremos enfim, progredir.

Ativação não ancorada do objeto	Ativação ancorada; Anáforas associativas ou indiretas	Outros elementos
Programa eleitoral	- propaganda política - propostas - falsas promessas - se modernizaram -difícil compreensão - perda de tempo	
candidatos	- mal intencionados - desatentos - não cumprem o que prometem	
Pessoas/eleitor	- atentas - desconfiadas - sábias - inteligentes - presas fáceis dos governantes - tem o poder de decisão	Todos nós (encapsulamento)
solução	- Tomar decisão com sabedoria - sem perder tempo	

Quadro de análise do texto 1

No que diz respeito à campanha eleitoral de 2014, o texto 1 apresenta, no primeiro parágrafo, a introdução do referente programa eleitoral, um objeto discursivo totalmente novo, deste modo por ativação não-ancorada, que será tratado sob dois aspectos específicos: o dos envolvidos na situação, isto é; os candidatos e os eleitores; e o da proposta ou projetos de campanha, e ainda de uma possível solução para o problema.

Para dar continuidade ao seu texto, o aluno utiliza uma série de anáforas indiretas ou associativas, representadas por descrições nominalizadas e indefinidas para sustentar o tema. Observa-se ainda, pelas escolhas lexicais, que há um total desapontamento do autor, em relação ao cenário da campanha política no estado do Amapá, pois o autor nomeia os programas dos candidatos, conforme quadro 1, de "falsas promessas, de difícil compreensão e perda de tempo".

Quanto aos candidatos, afirma que são mal-intencionados e não cumprem o que prometem. Já os eleitores e pessoas em geral, diz que são desconfiadas, atentas, sábias, inteligentes, e que mesmo tendo o poder de decisão, se deixam enganar, e por isso são presas fáceis dos governantes.

Apesar do tom de desconfiança, o autor acredita ainda numa solução para a situação caótica que descreve, e para isso, afirma que o povo precisa tomar a decisão com sabedoria, e sem perda de tempo.

6.2. Texto 2

> Os candidatos a cargos políticos não se esforçam para mostrar seus projetos só se preocupam em atacar os outros candidatos. Assim deixando de lado o verdadeiro sentido das campanhas. Ao de correr deste ano eleitoreiro pude perceber que quase todos os pretendentes a algum cargo sempre culpava alguém por o país está do jeito que se encontra, sem saúde, segurança, educação e saneamento básico de qualidade, não percebi em nenhum momento os mesmos falaram sobre as melhorias que iriam fazer para melhorar todo esse descaso. Na verdade esses candidatos só querem o salário e os benefícios que o cargo vai lhes trazer. Para isso mudar o povo tem que se conscientizar na hora de votar, não vender seu voto, colocando pessoas ficha suja no poder, como acontece cotidianamente em nosso País.

Ativação não ancorada do objeto	Ativação ancorada Anáforas associativas diretas ou indiretas	Outros elementos
- os candidatos a cargos políticos	- outros candidatos - pretendentes a algum cargo - os mesmos -esses candidatos - ficha suja	- todo esse descaso e - para isso mudar (encapsulamento)
- campanha	- ano eleitoreiro - projetos	
- salário	- benefício	
- o povo	- se conscientizar - não vender o voto	

Quadro de análise do texto 2

No que diz respeito ao segundo texto, observamos, que de uma forma geral, o autor apresenta melhor domínio da escrita do gênero solicitado, que se evidencia pelo encadeamento dos argumentos e da tessitura do texto. Por outro lado, notamos que há um ponto em comum com o autor do texto anterior, no que se refere à forma como vê o cenário relacionado à campanha eleitoral de 2014, em que havia candidatos a deputados (estaduais e federais), senadores, governo estadual e presidente da república.

Observa-se pelas escolhas lexicais dos autores que ambos se nutrem de expectativas desfavoráveis quanto ao cenário das eleições 2014 no Laranjal do Jari, no estado do Amapá.

No texto 2, o aluno introduz de forma não ancoradas as expressões: “candidatos a cargos políticos, campanha, salário e povo”, e a partir de então, consegue expandir seu texto usando estratégias de referenciação anafórica associativas, diretas ou indiretas.

Percebe-se um bom domínio do aluno no que diz respeito às escolhas lexicais para evitar repetições. Assim, uma vez introduzidos no texto, os referentes vão sendo substituídos por sinônimos, pronomes e outros. É o que se percebe em “candidatos a cargos políticos”, que paulatinamente vai sendo substituído por: “outros candidatos, pretendentes a algum cargo, os mesmos, esses candidatos, ficha suja”. A mesma estratégia se percebe em “salário”, que é substituído por “benefício”.

Já em “campanha”, cujos desdobramentos se deram por meio dos referentes “ano eleitoreiro e projetos”, percebe-se que a estratégia utili-

zada foi a da referenciação anafórica associativa, o que se percebe também em o "povo precisa se conscientizar e não vender o voto".

Tanto no texto um quanto no texto dois, os estudantes lançaram mão da estratégia de encapsulamento, representada pelo pronome "todos nós" em T1, e "todo esse descaso" e "para isso mudar" em T2. Lembrando que o encapsulamento consiste em introduzir um referente novo no processo discursivo, procedendo a uma sumarização das informações precedentes ou subsequentes.

Sabemos que a ativação de um objeto de discurso ocorre de maneira não ancorada ou ancorada. No primeiro caso, ele é apresentado pela primeira vez e não tem âncora no texto. No segundo, embora também seja um referente textual novo, ele mantém algum tipo de associação cognitiva com outros objetos de discurso já apresentados no contexto ou presentes no contexto sociocognitivo dos participantes, fato que ajudará o interlocutor a interpretar esse referente novo por inferência – são as chamadas anáforas indiretas. A respeito disso, Cavalcante e Koch (2007) propõem que esses tipos de anáforas promovem, ao mesmo tempo, a ativação de um referente e a reativação de outro (ou de um cenário inteiro) a partir de uma recuperação indireta.

Em relação às anáforas indiretas, para interpretá-las, do locutor são exigidas operações mais complexas de ordem conceitual, em que o antecedente pode ser recuperado de maneira indireta. Para Koch, 2008a:

> Têm-se anáforas indiretas toda vez que um novo objeto-de-discurso é introduzido sob o modo do dado, em virtude de algum tipo de relação com elementos presentes no cotexto ou no contexto sociocognitivo, passível de ser estabelecida por associação e/ou inferenciação. Um subtipo dessas anáforas são as chamadas anáforas associativas (2008a, p. 270).

Deste modo, no caso das anáforas associativas, elas não apresentam uma relação de correferência, pois não há retomada, mas sim remissão. De acordo com Koch (2008a), incluem-se nesses tipos de expressões anafóricas, relações meronímicas – todas aquelas em que existe a noção de ingrediência. Ainda segundo a autora, é relevante selecionar termos linguísticos pertencentes ao mesmo campo lexical para facilitar o reconhecimento dos referentes textuais.

7. Considerações finais

Na passagem da língua ao discurso, entendemos que a cognição cumpre papel significativo, uma vez que o procedimento discursivo, que envolve intersubjetividade, seleções linguísticas e fatores pragmáticos, é constitutivo e indissociável do processamento cognitivo.

Nesse sentido, Koch (2008 b, p. 202), para quem a língua está imbricada nas interações sociais, em que os participantes ativam modelos de mundo de caráter cognitivo:

> A língua não existe fora dos sujeitos sociais que falam e fora dos eventos discursivos nos quais eles intervêm e nos quais mobilizam suas percepções, seus saberes, quer de ordem linguística, quer de ordem sociocognitiva, ou seja, seus modelos de mundo.

Nessa abordagem, a referência caracteriza-se por ser uma construção de modos de dizer. Trata-se de construir discursivamente realidades que não correspondem, especificamente, á objetiva – ao mundo empírico apartado das condições humanas de percepção, de valorização, de julgamento, de usos da linguagem. Deste modo, os objetos postos em discurso estão além destes; configuram-se em nossas mentes e são negociados nas interações sociais. Não são considerados objetos de mundo, ou seja, não se constituem pela remissão linguística a uma entidade autônoma, externa da prática discursiva. São ao mesmo tempo, unidades mentais e linguísticas, as quais, como produtos culturais, são condicionadas, reunidas e organizadas de determinada maneira na dinâmica discursiva, como observa Marcuschi:

> O mundo de nossos discursos (não sabemos como é o outro) é sociocognitivamente construído. O discurso é o lugar privilegiado da designação desse mundo. A própria ordem de reflexão sob o ponto de vista de sua organização e dependências lógicas é uma construção predominantemente discursiva (2005, p. 69).

E são nessas práticas sociais e discursivas que os participantes elaboram versões públicas de mundo estabelecidas por meio de ajustes, de acordos e desacordos. Por isso, os objetos de discurso, como o próprio discurso, serão sempre cognitiva e socialmente coproduzidos.

Considera-se, portanto, que os interlocutores ativem conhecimentos prévios a respeito da situação social na qual se encontram, a fim de que seus objetivos sejam alcançados; ou seja: ao interagirem, cada qual tem expectativas em relação ao encontro e aos outros participantes e utiliza certos conhecimentos e experiências no momento da elaboração dos enunciados e da compreensão dos discursos alheios.

Assim, tanto as estratégias cognitivas – ou estratégias de uso do conhecimento – quanto as textual-discursivas dependem dos objetivos do interlocutor, da quantidade de conhecimento de que ele dispõe sobre os outros participantes e a respeito da situação social, de suas crenças e valores.

É o que podemos concluir na análise dos dois textos, em que seus autores deixaram pistas quando fizeram a opção pelos vocábulos que empregaram em seus textos. Pela seleção lexical, ficou evidente a descrença, e até certa indignação de ambos em relação aos candidatos a cargos eletivos públicos e mesmo ao processo eleitoral no estado do Amapá, pois os referentes empregados são de certa forma, desabonadores. Ao usar os termos "mal-intencionados, desatentos, não cumprem o que prometem e fichas sujas" para se referirem aos candidatos, estão fornecendo elementos para que o interlocutor perceba que tais sujeitos não são dignos de confiança, logo, do voto do cidadão amapaense. Do mesmo modo, referiram-se de forma não menos pejorativa ao processo eleitoral que foi chamado de "falsas promessas, perda de tempo e ano eleitoreiro". Os autores evidenciaram suas impressões a respeito da situação político-social, bem como suas crenças e valores. Ambos demonstraram acreditar que o poder da mudança está nas mãos do povo, e que este por sua vez, "precisa se conscientizar" (do poder que detém), precisa "tomar decisão com sabedoria" não deve "perder tempo" (com falsas promessas), e "não vender o voto".

Mesmo percebendo que os dois alunos, principalmente o autor do primeiro texto, apresentam ainda dificuldades quanto à mobilização de recursos formais nas atividades de referenciação e quanto ao desempenho textual discursivo, avaliamos que conseguiram seu intento, ou seja, de persuadir o leitor de que o processo eleitoral de 2014, em Laranjal do Jari, Amapá foi muito ruim, com candidatos, em sua maioria, corruptos, fichas sujas, que demonstraram total desrespeito com a população em geral, não assumindo as responsabilidades quanto às promessas de campanha. Assim, conseguiram justificar o porquê de 83,2% da população ter avaliado como ruim o nível das propostas dos candidatos.

Quanto ao processo de produção, apreendemos que embora utilizem diferentes estratégias no processo de referenciação ao desenvolver o tema solicitado, apresentam dificuldades em operar com escolhas expressivas para a elaboração do gênero artigo de opinião. Isso significa que, ainda que tenham introduzido objetos discursivos no texto, demonstraram insuficiência quanto à reconstrução desses objetos responsáveis pela

sustentação da progressão referencial. Deste modo, verificamos a necessidade de ampliação dos conhecimentos prévios dos alunos, de modo que possam construir adequadamente os sentidos que lhes são exigidos no texto, o que justifica a importância de persistirmos numa abordagem de ensino sociocognitiva interacional em que, segundo Koch (2004), o texto é visto como o "próprio lugar da interação e os interlocutores sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos" (p. 33). Nesse contexto, faz-se necessário a efetivação de práticas que propiciem também aos professores a mudança de postura diante do exercício da leitura e da produção textual.

Não obstante, se a referenciação diz respeito a um processo de escolhas feitas pelo sujeito em função de um querer-dizer, perguntamos: que conhecimentos linguísticos e lexicais, e culturais necessitariam esses alunos para realizarem essas escolhas? Acreditamos que a partir do momento que o aluno assumir o papel de leitor investigativo, de leitor consciente de sua tarefa de desvendar o texto, ele será capaz de utilizar uma gama de possibilidades que a língua põe a sua disposição em prol de suas produções escritas.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

KOCH, Ingedore G. Villaça. *Desvendando os segredos do texto.* São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, Ingedore G. V.; MORATO, Edwiges M. M.; BENTES, Ana C. *Referenciação e discurso.* São Paulo: Contexto, 2005, pp. 33-52.

_____. *Introdução à linguística textual.* São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____; ELIAS, V. M. *Ler e compreender*: os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. (2008a). Como se constroem e reconstroem objetos de discurso. *Revista Investigações*, Campinas, v.21, n. 2, p. 99-114. Disponível em: <hhp://www.ufpe.br/pgletras/investigações/Volumes/vol.21.2/Ingedore_Koch.pdf>. Acesso em 20/01/2015.

_____. (2008b). Léxico e progressão referencial. *Estudos em homenagem ao professor Mario Vilela*, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, v.1, p. 263-275. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiro/4564.pdf> Acesso em: 20-01-2015.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para escrita*: atividades de retextualização. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 53-101.

_____. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, Mônica M. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.